

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria. Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



Ao contrário dos dias 11 e 12 que foram de chuva contínua, o dia 13 de Dezembro último foi, na serra de Aire, de sol claro e brilhante e apenas um pouco frio durante a manhã por causa da geada que tinha caído de noite com abundância.

A peregrinação mensal ao Santuário das aparições de Nossa Senhora, não muito numerosa,

## A Peregrinação de DEZEMBRO 13

minário de Leiria e Vigário Geral da Diocese.

Depois da bênção com o Santíssimo Sacramento, organizou-se a procissão do «Adeus» para a recondução da Imagem de Nossa Senhora da Fátima para a Capela das aparições. Eram cerca de 14 horas quando terminaram os actos oficiais.

Por uma tarde primaveril, os peregrinos regressaram às suas terras mais afevorados na devoção para com a Santíssima Virgem e resolvidos a cumprir cada vez mais exactamente os seus deveres para com Deus, para consigo e para com o próximo, a fim de se santificarem segundo o seu estado, como é vontade de Deus e da Sua Mãe Imaculada.

Visconde de Montelo

## NOSSA SENHORA DA FÁTIMA na Índia

Na paróquia da Imaculada Conceição de Poone que está sob a jurisdição de Goa, aproveitando a oportunidade da primeira Missa do Rev. P.º Manuel Pres S. J. foi inaugurado o culto de Nossa Senhora da Fátima.

Foi benzido um quadro de Nossa Senhora da Fátima em arte indiana. É seu autor o sr. A. da Fonseca dando ao rosto da Virgem traços retintamente mouriscos (Fátima é um nome mourisco) e tem uma grande união religiosa.

A festa terminou por um câro falado em que tomaram parte 200 crianças celebrando os principais episódios das Aparições.

(Do Boletim eclesiástico de Goa)

## Aviso importante

Mais uma vez lembramos aos nossos caros assinantes o pagamento das suas assinaturas em atraso. Podem enviar-nos as respectivas importâncias em vales do correio pagáveis na Cova da Iria.

Nós não costumamos fazer as Cobranças da Voz da Fátima.

## ACÇÃO CATÓLICA Mandamento Novo

O apostolado é uma das formas da caridade. Não pode haver ilusões: sem caridade, toda a acção que se exerça em ordem à conversão das almas, embora porventura brilhante e ruidosa, fica reduzida a movimento estéril, porque só Deus converte, e quem opera longe de Deus, como ensina S. João, caminha nas trevas.

O Senhor, no impressionante discurso pronunciado no Cenáculo, quando Judas já saíra para realizar o seu abominável plano de traição, afirmou que a lei do amor é mandamento novo.

Parece estranha tal afirmação, porque, não podendo o coração humano estar vazio, sempre o homem ama, e, por vezes, com tal veemência, que o amor se torna fogo impetuoso de paixão.

Em que reside, pois, a novidade da caridade cristã?

O confronto do amor humano com o amor divino, que o Senhor Jesus veio acender no mundo, leva a concluir que a diferença está fundamentalmente nos motivos.

O homem, sem a graça, ama por motivos exclusivamente naturais, com frequência censuráveis, muitas vezes criminosos.

Ama por paixão sensual, que arrasta a loucuras inconcebíveis. Não há grandeza moral, não há delicadezas de espírito, não há sentimentos de dignidade que sejam respeitados, quando crepita, irresistível, a fogueira da paixão.

Freqüentemente, o homem ama por interesse. Não se estimam as criaturas por aquilo que elas são, mas tão somente pela soma de bens que podem dispensar. Por isso tal amor se apaga, quando se apaga a possibilidade de prestar serviços.

Amigos das horas alegres e despreocupadas, facilmente se tornam indiferentes, porventura hostis, quando sopra o vento da desgraça.

Na melhor das hipóteses, o homem ama por simpatia, nascida dum conjunto de qualidades que profundamente agradam e ferozmente se apreciam.

Em qualquer destes casos, o homem, no seu amor pelos outros, encontra-se sempre a si mesmo. Tal amor reduz-se a modalidade, mais ou menos imperfeita, de egoísmo.

Daf, os limites apertados de tal amor, que não vai além de um círculo reduzido de pessoas.

A caridade, essa baseia-se no amor de Deus, é até forma perfeita de amor de Deus. Por meio dela, em cada criatura, seja rica ou seja pobre, generosa ou avara, esbelta ou disforme, se vê a própria silhueta divina.

Nestas condições, a caridade não conhece limites de raças, nem de fronteiras, nem de situações sociais, nem de qualidades particulares.

Assim se compreende a palavra do Senhor: dou-vos um novo mandamento — amai-vos uns aos outros como eu próprio vos amei.

Ouviram os apóstolos a ordem divina, e partiram a espalhar por toda a parte a luz e a graça do Evangelho.

Aquela ordem foi dada a todos os cristãos. Por isso, alumiados e aquecidos pelo facho da caridade, em todos os tempos cristãos generosos procuram impregnar o mundo do espírito do Evangelho.

Os associados da Acção Católica são chamados a exercer a caridade, por meio do apostolado moderno, criado pelo Papa e organizado pelos Bispos.

Deus chama-nos, por intermédio da Igreja.

Realizando a ordem que nos é dada, seremos apóstolos, e concorreremos para a cristianização do mundo.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

como aliás o não costumam ser as peregrinações mensais do ciclo do inverno, revestiu no entanto certa imponência, pois era constituída por um núcleo interessante e relativamente grande de pessoas, sobretudo gente do povo da freguesia da Fátima e das terras mais próximas.

A hora habitual, rezou-se o terço do Rosário junto da Capela das aparições, seguindo-se logo a procissão com a Imagem de Nossa Senhora até ao altar exterior da Basílica onde se celebrou a Missa dos doentes e se realizaram as demais cerimónias do costume.

Tomou-se essa decisão em virtude de, por um lado, se reaar

que a multidão de fiéis não coubesse na igreja das confissões e, por outro lado, estar o pavimento da Basílica ainda encharcado da água da chuva dos dias anteriores.

Rezou a Missa dos doentes o rev.º P. António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria, que, no fim do santo sacrifício, deu a bênção eucarística aos doentes, que eram em pequeno número, e a todo o povo que se espalhava pela vasta esplanada.

Fez a homilia ao Evangelho, o rev.º cônego Dr. Manuel Marques dos Santos, Reitor do Se-



FÁTIMA — Um curioso aspecto da torre em construção

# A Influência da devoção a N.ª Senhora na vida familiar

pele Sr.ª D. Mariana Inês de Melo

(Conclusão)

Muito ao de leve, como pincelada dada a correr, S.º Ambrósio diz ainda que Nossa Senhora tinha por principio honrar as pessoas de idade — não invejar os seus iguais — seguir em tudo a recta razão.

Virtudes estas tão esquecidas hoje em dia, mas tão capitais na educação, que talvez não seja descabido dar-lhes um pouco mais de relevo.

Queixamo-nos todos, mais ou menos, de que o mundo atravessa uma era de autoridade... que já não há respeito... e que ninguém sabe obedecer.

Mas, nós que assim falamos, sabemos porventura merecer esse respeito, essa obediência, numa palavra, sabemos usar da autoridade?

Um dos factores principais da educação é o exemplo. Mas que exemplo dão aos filhos tantissimas vezes os pais?

Que exemplo dão da autoridade, que reciprocamente lhes cabe e que em conjunto devem exercer, quando diante dos filhos tantas vezes estão em desacordo flagrante?! Que exemplo de respeito e de acatamento da autoridade quando se discutem leis divinas e humanas?! Quando se pensa e mede a opinião, a maneira de ser, de proceder de pessoas a quem os filhos devem respeitar, às vezes até mesmo dos próprios cooperadores, pelos pais escolhidos, para a grande obra da educação e formação moral ou científica dos filhos?!

«Maria tinha por principio não ter inveja aos seus iguais... Inveja, palavra e coisa tão feia... Mas quantas coisas se não fazem na vida a sombra dela? Desequilíbrios no orçamento familiar... o torcer e retorcer das leis da modestia cristã, para que se possa ser a primeira entre as primeiras... E quantas vezes não são as mães as primeiras a cooperar com as filhas neste desejo de primazia.

«Maria em tudo seguia a recta razão. Leva longe, muito longe mesmo esta pequenina frase. Seguir em tudo a recta razão — baseada na fé, está claro — é banir da vida o capricho, as quimeras, as futilidades... E, sob o ponto de vista da educação, habituar os filhos ou as almas a formar, a ter ordem na vida, a dar a cada coisa o seu lugar, a reconhecer os valores diferentes dessas mesmas coisas, a hierarquia que entre elas há.

E ensiná-los a pôr em lugar de honra o dever de estado e com essa noção bem compreendida, bem assimilada e vivida, a possibilidade de viverem uma vida verdadeira e integralmente cristã, de atingirem até a santidade, que se lhes dá.

E que a santidade não consiste, como tantos imaginam, em coisas extraordinárias a praticar excepcionalmente na vida. Muitos, a grande maioria, não terião talvez nunca a ocasião de serem heróis, mas a todos assiste a obrigação de ser sempre valente, bravo sem intermitências, no cumprimento do dever de cada dia.

Onde escola mais sublime de santidade que em Nazaré? E que fazem esses três grandes Mestres de santos?! Cada um passa simplesmente o dia a cumprir as mil e uma pequeninas coisas de que o dia é somado. Santidade, soma portanto de coisas pequenas, mas feitas por Deus e com os olhos n'Ele somente.

Lembremo-nos sempre e incutamos bem a idéa nas almas a formar que Deus não vê só o que fazemos, mas ainda como agimos. E que a santidade — e todos somos chamados à santidade — não está neste ou naquele modo de vida, mas sim na generosidade com que vivemos essa mesma vida, seja ela qual for.

Dever de estado — escola, caminho de santidade... ensinemos a trilhar esse caminho, demos a estímulos pelo dever de estado!

E como remate ou cúpula deste retrato de Nossa Senhora, remate que é simultaneamente a sua base e alicerce, S.º Ambrósio diz que Maria será toda para Deus.

Que, de cada uma de nós se possa dizer o mesmo. Que Deus seja o Alfa

e o Omega em que assente não só todo o nosso principio educativo, mas toda a nossa vida individual e familiar.

Saibamos dar-Lhe o lugar que Lhe compete — o de Senhor absoluto — por direito de criação e de conquista — das nossas vidas e de tudo quanto nos pertence que não é senão simples dádiva de Suas mãos divinas.

Saibamos amá-Lo com um amor cuja medida seja ser sem medida... e saibamos educar, formar nesse amor as almas que de nós dependem. Num amor, não feito de sentimento, mas de vontade forte, generosa, Amor, que se baseie na oração, na vida interior.

O natural nunca pode ser causa de sobrenatural... se queremos sobrenaturalizar a nossa vida, a vida dos nossos, vamos à causa primeira, imediata, única e necessária — vamos a Deus pela oração.

O apostolado — e não há maior apostolado que educar, formar — é um cális a transbordar. Mas nada pode transbordar sem estar primeiro cheio... E o cális a encher é a oração.

Acabado de esboçar o retrato de Maria, S.º Ambrósio conclui: «Imitai-a para que Ela vos ame! Com o Santo só me resta a mim dizer:

Imitemo-la sim, não só para que Ela nos tenha amor, mas para que o Portugal de amanhã educado e formado na Sua escola bendita seja novamente, de facto e não só de nome — Terra de Santa Maria!

## CONVERSANDO

# A Socialização Cristã

Em face da marcha da actual guerra, há quem ponha esperanças, e tome até alvoroço, em certas propagandas de que, as riquezas, em ocasião próxima, não tardarão a ser repartidas igualmente por todos.

Não é de aceitar que tal coisa suceda; mas, se sucedesse, seria como uma enxurrada que logo passa; só dores e misérias deixaria no seu curso para, pouco depois, voltar, inevitavelmente, ao regime natural das desigualdades segundo o trabalho, virtudes e aptidões pessoais de cada um.

Mas se, de individuo para individuo, são diversas as qualidades que levam à posse e conservação das riquezas, não menos diversas são as modalidades que estas objectivamente revestem.

Para se ver como as riquezas não são partilháveis com igualdade é considerá-las em qualquer das suas grandes categorias, qual delas mais complexa:

1.ª — Papéis de crédito em representação de valores de empresas públicas ou particulares, nacionais ou estrangeiras. Tão complicados são os factores de que resultam, que só a minoria é dado acompanhar com segurança a sua administração.

2.ª — Situações de trabalho, privilegiadas de facto, em virtude de novos inventos e técnicas, a que poucos, por requisitos de superior intelligência e acção, podem chegar.

3.ª — Prédios rústicos e urbanos, uns e outros obrigando a administrações que cada vez mais se dificultam por exigências da vida social.

No meio destas categorias de riquezas vai um abismo em que as fortunas se vêem mudar, aparecendo e desaparecendo, como elementos num redemoinho de fervura! Tende a ser — cada vez mais rara a conservação de fortunas em três gerações dum mesma família.

Quem, consciente da complexidade das riquezas, poderá legitimamente concluir que a sua repartição, num mesmo ritmo produtivo, é possível, com duradoura igualdade, por todos os individuos, entre os quais vândos, alcoólicos, jogadores, estúpidos, ineptos, loucos, pródigos, avarentos, pois que de tudo isto, mau grado nosso, aparece constituída a sociedade humana por condições de natureza física e do poder interno da liberdade em cada um?

Por isso não passará nunca de um sonho a igualdade de todos na posse e exploração das riquezas.

Até em Portugal não faltam fartos exemplos a demonstrá-lo. Nos fins do século XIX fizeram-se no distrito de Portalegre, em propriedade individual plena, distribuições de terras denomina-

nadas *Coutados do Povo* para centenas e centenas de vizinhos ou chefes de família; decorridos dois ou três anos, os prédios assim dados em propriedade individual plena, appareciam na posse apenas de 5 ou 6 proprietários! A seguir à implantação da República, o Estado entregou a Fábrica de Vidros da Marinha Grande à administração e posse dos respectivos operários para que applicassem os rendimentos em proveito próprio e em benefícios sociais. Três anos passados, verificava-se também o seu completo insucesso, tendo a fábrica de voltar outra vez à posse do Estado.

Não haja, pois, dúvida de que as riquezas só se podem adquirir ou conservar, mais ou menos, conforme o concurso de qualidades pessoais de trabalho, carácter e aptidão; e, como estas não se apresentam de facto iguais em cada individuo, daí vêm, inevitavelmente, desigualdades económicas correspondentes.

No entanto, podem e devem ser atenuadas essas desigualdades, suprimindo as deficiências dos que pouco ou nada têm e levantando, por uma reorganização social mais progressiva, a todos os que se disponham ao esforço e competência na medida em que praticamente se apresentem.

É este movimento o que se chama de *socialização cristã*, com destino, não a abolir a propriedade privada, que é ponto essencial da ordem, mas a estabelecer uma necessária cooperação entre os proprietários dentro de cada categoria de riquezas para que estas eficazmente sirvam o bem comum.

A neste objectivo se tentam agora por toda a parte profundas reformas que a doutrinação da Igreja autoriza e a experiência dos séculos reclama.

17 dez.

A. LINO NETTO



## O CASO ÚNICO

de comprar barato!!

- Meias de algodão c/Reforço 2\$50, 2\$20 e ... 1\$90
- Meias de escócia fina 6\$50, 5\$00 e ... 3\$80
- Meias de linho fino c/costura 9\$50, 5\$40 e ... 4\$50
- Meias de seda transparente 9\$60, 8\$50 e ... 7\$40
- Penças de algodão fortes 1\$90, 1\$70 e ... 1\$30
- Penças escócia fantasia 6\$50, 4\$20, 3\$60 e ... 2\$90
- Camisas Zefir lindos padrões 17\$50, e ... 11\$00
- Camisas de malha m/ manga saldo ... 14\$50
- Cuecas Zefir fortes 8\$70, 6\$20 e ... 5\$60
- Lençóis de bom pano 1m.20 19\$00 e ... 17\$00
- Almofadas grandes de pano forte 3\$60, 3\$20 e ... 2\$50
- Travesseiros grandes bom pano 6\$60 e ... 6\$00
- Lenços grandes brancos para homens ... 1\$25
- Sombrinhas grande reclame desde ... 35\$50
- Guarda-Chuvas grande saldo desde ... 39\$50
- Parures bordadas reclame 32\$50 e ... 27\$50

Armazem de revenda de

A COMPETIDORA DE MEIAS

R. Arco Marquês do Alegrete, 59-1.º

Próximo ao Rocio — LISBOA

Este número foi visado pela Censura

## TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE DEZEMBRO

Algarve	7.872
Angre	20.955
Aveiro	9.334
Beja	6.302
Braga	81.389
Bragança	12.985
Coimbra	15.059
Évora	4.838
Funchal	13.915
Guarda	18.553
Lamego	10.720
Leiria	14.870
Lisboa	15.567
Portalegre	14.032
Pôrto	53.340
Vila Real	25.258
Visou	10.707

Estrangeiro ... 335.696  
Diversos ... 3.692

359.840

## BERÇOS VAZIOS

Nada mais triste e desolador que um berço vazio, que um lar sem filhos. Faz lembrar um jardim sem flores, uma primavera sem chibrios de passarinhos, jareira sem fogo, dia de inverno sem sol em que até as próprias coisas parecem transidas de friodesolação, noite escura, solidude, desconforto dos lares voluntariamente estereis...

E lembrar-se a gente que, tantos erminosos e insensatos por esse mundo fora estancam voluntariamente as fontes da vida, desviando assim o grande Sacramento do matrimonio do fim principal que o eleva a dignifica para o transformar apenas na mera satisfação de baixo prazer.

Grave ofensa, grave pecado contra Deus e contra a sociedade. Porque, se na verdade é uma grande honra que o Senhor confere aos esposos — a de transmitir a vida — gravissima ofensa é a de se opor aos designios de Deus fazendo reinar a solidão e o nada onde Ele queria semear a alegria e a vida.

Não é necessário profundar muito para verificarmos que duas são as causas principais que levam tantos esposos a cometerem este horrivel crime que muitas vezes escapa à alçada da lei.

A primeira é sem dúvida um egoísmo ignóbil. O marido teme as dificuldades da vida, as despesas da educação; a mulher receia as fadigas, os incómodos e deveres da maternidade. A um berço Ele prefere um automóvel e a de bom grado o troca por um colar de pérolas...

Divertir-se, brilhar, gozar a vida no sentido pagão, é o ideal supremo de muitos casais modernos para quem, por isso mesmo, a criança é um importuno, um indesejável impecilho que impedirá a jovem e elegante mamã de ir ao cinema, ao teatro, ao baile e aos chás das amigas... e forçaria o papá a evitar gastos superfluos, pândegas tentadoras...

Que importa que o lar seja vazio e silencioso sem o galcar do bebé, o barulho, a alegria esfusante da pequenada, se a mesa é mais bem servida, se as jóias e toilettes da senhora são mais ricas, se o senhor pode alardear mais abastança na roda dos seus amigos?!

Egoísmo homicida, luto assassino, pândade criminosa que se revolta contra os preceitos divinos.

A segunda causa deste mal é a falta de fé, a falta de confiança em Deus. Temem-se os filhos com o receio de os não poderem sustentar. E esquece-se que os filhos não se geram para o tempo mas sim para a eternidade. Esquece-se que, segundo o preceito de Nosso Senhor Jesus Cristo, se deve primeiro procurar o reino de Deus para si e para os outros, e que depois tudo lhe será dado por acréscimo. Esquece-se que devemos confiar na divina Providência que não abandona o lirio dos campos ou a mais insignificante avezinha e portanto com muito mais razão abençoa e cuida das famílias numerosas.

São criminosos também todos aqueles que deliberadamente limitam o número dos seus filhos ou se contentam com um só. A criança tem necessidade de irmãos para lhe alegrar a vida e limar as arestas do seu carácter.

O filho único é, as mais das vezes, mal educado e estragado de mal entendido mimo. Torna-se o idolo e tiranete dos pais que lhe

(Continua na 5.ª página)



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topazio criou. São maravilhosas de arte para presentes de distincão. Veja se tem gravada a marca original!

## TOPAZIO

A venda nas ourivesarias.

## REMEDIO D.D.D.

A segua... o Remedio D. D. D. tem efeito immediato porque, sendo um liquido antiseptico penetra na pele — nos locais onde a afeccão se manifesta.



Por este motivo o Remedio D. D. D. é de um valor inestimavel para todos os casos de: Espinhas, srupeões, furúnculos, alceras, varizes, sezema, mordeduras de insectos, comichão, feridas infectadas, e toda a variedade de doenças de pele.

A VENDA NAS FARMACIAS E DROGARIAS importante: Se preza a saúde e free cura da Pele, use um sabonete extra-puro, o sabonete D. D. D.

## D.D.D.

O Remedio para a pele.

## Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor

JOÃO DA SILVA

# A Romã

— Tudo pronto, Maria?  
— Tudo, minha senhora! Se V. Ex.ª quiser ver...

D. Edeltrudes, frente ao espelho, ajeitou uma volta mais ouvida do penteado ultra-moderno, pregou um vistoso «broche» sobre a larga renda que lhe compunha vantajosamente os ombros descarnados e passou à sala de jantar para observar se, de facto, nada faltava na mesa.

As porcelanas, as pratas, as flores e os cristais estavam impecavelmente distribuídos sobre a não menos luxuosa toalha e um suspiro de satisfação ia seguir-se ao rigoroso exame quando foi substituído por um grito:

— Maria!... É a romã?! Dia de Reis sem romã?!...

Era a superstição — e nada mais — de que uma arrelia senão uma desgraça cairia sobre a casa, a família, algum dos convidados, talvez.

— Está na copa... pendurada em frente da janela. Vou já prepará-la!

A resposta era um pouco seca. Não podia a boa rapariga levar à paciência que uma senhora que se dizia religiosa até mais não, se prendesse com certas coisas — puras crendices: a falta da romã em dia de Reis, a quebra dum vidro, o piar duma coruja, treze pessoas à mesa, etc., etc. Diligente, contudo, foi à copa, subiu a um banco e tirou o belo fruto, enorme, de casca avermelhada, mas que logo soposou receosa. Era demasiado leve...

D. Edeltrudes, confiando na destreza da criada e voltando ao quarto para dar ainda uns retoques com que se iludia na diminuição da idade, sentiu-se arreferredo ao ouvir estas palavras:

— Minha senhora!... A romã está podre! Nem um só bago são!

— Não lhe faltava mais nada!

— Mas é preciso arranjar outra! — gritou com voz rouca.

— Onde?... A estas horas!...

— E com os convidados a chegar! — concluiu D. Edeltrudes consternada.

Mas logo reagindo:

— Vai aqui à vizinha do lado... Pode ser que tenha mais do que uma... Ou antes, deixa que eu vou... pela varanda da cozinha... E, se chegar alguém, fazê-la entrar para a sala de visitas...

Depois das superstições, era o seu constante tormento o esforço para se conservar naquela linha de atitudes, palavras e acções que julgava imprescindível à sua posição social. Os vizinhos do lado, porém, eram gente banal cujo conceito pouco se lhe dava.

Gente banal seria, mas que atmosfera de paz e felicidade reinava na singela casa de jantar que dava para a varanda na qual D. Edeltrudes não pôde deixar de se deter indecisa e enantada!

Justamente, no meio da mesa, a que a família estava prestes a abancar, num prato de vidro, cintilavam os bagos corallinos da romã.

D. Edeltrudes aventurou-se:

— Desculpe-me, sim D. Margarida... Mas só agora a estúpida da minha criada se lembrou da romã e foi dar com ela toda bofarente! Por acaso não terá outra que pudesse fazer-me o grandíssimo obsequio de me ceder?...

Tinha um aspecto tão contrariado e tão infeliz no meio das sedas e das jóias com que se ataviara que a vizinha, tendo consultado o marido com um rápido olhar, pegou no prato e estendeu-lho graciosamente, dizendo:

— Não temos senão esta e não era muito grande, mas privamos-nos dela da melhor vontade. Os nossos pequenos foram hoje tão animados com gulodices pelos avós que só terão pena da romã por ser tão bonita...

Desfazendo-se em agradecimentos, D. Edeltrudes tomou o

precioso pratinho e saiu de novo à varanda, um pouco precipitada e não menos «exada». Para o seu jantar não havia senão adultos, duas amigas de infância e o irmão de uma delas que D. Edeltrudes se comprazia em considerar seu pretendente, e ainda um casal a quem devia vários favores. E tinha ela tido coragem de subtrair duma roda de crianças os bagos encantadores da romã que os olhinhos todos acompanharam até à porta pesarosos.

Vinha com a vista ofuscada pela luz do interior, a varanda estava úmida, viscosa talvez pela geada que começava a cair...

D. Edeltrudes escorregou, cambaleou e o prato com a romã saltou-lhe da mão por sobre a grade da varanda e foi estilhaçar-se lá em baixo num eco cristalino de risada de troça.

A pobre senhora ficaria transformada em estátua se não fosse o retenir da campainha da porta da sua casa que quasi imediatamente lhe chegava aos ouvidos. Eram os convidados. Com a facilidade com que as vítimas das praxes mundanas se afazem às situações mais críticas ou imprevisíveis D. Edeltrudes assumiu o seu melhor sorriso, os seus mais gentis ademanes, e cumpriu na perfeição, até final, os deveres da mais acabada dona de casa.

Tudo correria de facto na melhor ordem, durante o jantar e a amistosa assembléa que se seguiu mas D. Edeltrudes não podia esquecer, lá muito no âmago do seu cérebro, que um malefício qualquer estava imminente...

Deitou-se preocupada, mais agora que a casa recairia no sossego habitual. O azar viria naquela noite mesmo?... Seriam os ladrões... Um incêndio?... Uma má nova no dia seguinte pelo correio... por telegrama?...

Por fim adormeceu, dum sono que não teria durado meia hora. Acordou sobressaltada por um forte cheiro a chamusco. A casa estava a arder?! Ah! Ela bem dizia...

Mas não... Não havia fumo... Contudo o cheiro era inconfundível...

Saltou da cama, enfiou os chinélos e o roupão e chamou pela criada — uma dorminhoca de marca — que dormia no outro extremo da casa.

Respondendo-lhe um mio — quasi um uivo — logo seguido de outros, cada vez mais fortes, cada vez mais alitivos...

D. Edeltrudes, a tremer como varas verdes, encaminhou-se para a cozinha, abriu a porta e ainda não tinha aberto a luz quando o gato se lançou contra ela de pélo ericado, quente como lume... Tinha adormecido junto da fomalha do fogão mal apagado e a sua linda pele negra — orgulho da dona — estava toda chamuscada deixando ver umas feriditas...

— Coitadinho do meu Bibi — soluçava D. Edeltrudes, afagando-o. Ah a romã... A falta da romã... Eu bem dizia!

No dia seguinte, porém, uma notícia vinda dos vizinhos do lado, deixava-a desorientada de todo: tinha-lhes saído a sorte grande!...

# Graças de N.ª S.ª da Fátima

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

### Em prol de uma criança

António Augusto Novais, Tabuado, diz que a menina Maria do Rosário, de três anos de idade, sendo levada numa bicicleta, meteu um péto na roda da mesma, partindo seis raios e ficando com aquele membro estocelado. A Mãe da menina, transida de dor, recorreu a Nossa Senhora da Fátima para que a curasse, ficando sem defeito no péto, o que sucedeu. Vem, cheia de reconhecimento, agradecer a Nossa Senhora.

D. Maria da Conceição de Oliveira, Esmoriz, conta que seu marido Alvaro Sa de Oliveira fora acometido de um ataque cerebral, ficando cego e em estado deplorável. O médico declarou que se tratava dum caso fatal e só por milagre escaparia. Foi então que a esposa se voltou para Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que lhe curasse o marido e prometendo, entre outras coisas, ir a pé a Fátima, que são seis dias de viagem. Foi atendida na sua magoada súplica e já foi a Fátima da forma que prometera.

D. Maria da Conceição, Cidadelhe, diz que, tendo partido uma perna e não parando com dores nem de dia nem de noite, mandou chamar um «Endreito» que lhe compôs a perna, mas não lhe deixou ficar bem, continuando a perna a doer...lhe como dantes. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena, e em pouco tempo encontrou-se curada e sem defeito no referido membro.

P.º Joaquim de Faria Simões, expároco de S. Martinho de Campo e actual de Panóias, Braga, escreve: «Engracia Rosa Ferreira, de 38 anos, casada, residente em S. Martinho de Campo, Póvoa de Lanhoso, em Maio de 1936 começou a sentir dores e mal estar no olho direito, que se tornara saliente, parecendo que uma força interna o impelia para fora da órbita. Consultou vários médicos: dr. Albino da Silva, da Póvoa de Lanhoso, dr. Cerqueira Gomes, de Braga, drs. Fernandes e Manuel de Lemos, do Porto, este último especialista de doenças dos olhos. Foi radiografado o órgão doente mas a radiografia nada acusou. Julgando tratar-se de tumor de origem sifilitica, fez o respectivo tratamento, que não deu resultado. A partir do principio de Maio de 1937 as dores tornaram-se quasi insuportáveis, atingindo toda a cabeça, até que em meados de Junho seguinte o especialista acima referido, após novo exame, resolveu mandá-la voltar dali a três dias a fim de ser internada e operada. De volta a casa, ainda na viagem, fez voto a Nossa Senhora da Fátima de ir lá e dar uma esmola consoante as suas posses, se a operação não fosse necessária. Na manhã seguinte notou cheia de Júbilo e esperança, que as dores e o mal estar quasi tinham desaparecido e que a inchação começava a diminuir. Quando, passados os três dias, voltou ao especialista, este verificou com espanto que já não havia necessidade de operação, exclamando: «grande milagre aqui houve!»

Desde então não voltou a sentir dores e a vista retomou o seu estado normal, pelo que, cheia de gratidão, foi cumprir a sua promessa a 13 de Setembro do corrente ano de 1938. O que fica relatado é a pura verdade, do que dou fé, já pelo crédito que me merecem a agraciada e sua família, já pelo conhecimento pessoal que tive do caso desde o principio ac tina».

Camilo Carvalho Tinoco, Porto, diz ter recebido uma carta de sua sobrinha Maria Simões, natural de Santiago da Cruz, Fomalhão e actualmente residente em Buenos Aires, Argentina, a qual lhe comunica que, tendo estado à morte e desenganada pelos médicos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima prometendo uma esmola para o seu Santuário. Foi atendida a sua súplica. Melhorou e encontra-se de perfeita saúde. Cumprindo a promessa feita, quer tornar público tal favor do Céu para glória de Nossa Senhora.

D. Claudina dos Santos Terreiro, Almeida, na infância dum intervenção cirúrgica declarada necessária, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe uma novena e pedindo a graça de não precisar de ser operada, fazendo várias promessas. Foi atendida pelo que vem publicamente agradecer a Nossa Senhora.

D. Maria Augusta Ferreira, Porto, diz que, sofrendo um dos seus filhos com violentas dores que quasi parecia perder o juízo, aflição, depois de ter usado alguns remédios, ajoelhou-se e rezou um terço a Nossa Senhora da Fátima, findo o qual o filho serenou, tendo-lhe desaparecido as dores e daí a pouco tempo estava completamente bom.

D. Aurora dos Santos Lima, Porto, encontrou-se em grave perigo de vida com uma infecção numa perna. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que a curasse e foi atendida a sua prece.

José Pereira Nabo, Sobral, Ourém, estava paralytico havia 13 anos sem se poder mover nada e com os membros inferiores tão insensíveis que pegando-se-lhe de uma vez, logo a uma alpercata, à meia e ao pé, nada sentiu. Esteve internado em vários hospitais, experimentou tudo para ver se se curava e por fim desenganado da medicina, saiu do hospital de Santa Maria, de Lisboa, indo para sua casa esperando só no auxilio da Santíssima Virgem de quem sempre fora muito devoto, nunca deixando de lhe rezar o terço, nem sequer durante o tempo que esteve em Africa como expedicionário voluntário e donde voltou doente. Recorreu, pois a Nossa Senhora da Fátima e teve a dita de ser atendida pelo que cheio de reconhecimento vem publicamente anunciar tal favor para gloria da Mãe do Céu.

## Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

D. Maria do Céu Girão de Almeida Matos, Sobral, F. de Algodres.

D. Ana Joaquina Vieira Barata, Bragança.

D. Beatriz dos Reis Guita e seu marido, Inhambane.

D. Carolina Guimarães Guita, Inhambane.

D. Maria José Santos Bracos, Portel.

D. Clementina de Jesus Ferreira, Coimbra.

Afonso Marques da Silva, Coimbra.

P.º Américo Dias de Azevedo, Póvoa de Varzim.

D. Carolina Rosa, Rio de Janeiro.

D. Maria José de Jesus, Cervideira.

D. Maria Tereza H. Simões, V. N. de Poiares.

D. Albina de Jesus Queirós, Milhelros da Maia.

D. Irene Pimentel, Lages das Flores.

D. Matilde do Nascimento, Graciosa.

D. Graciolina do L. Silveira Ataíde, Graciosa.

D. Hda da Costa Almeida, Arganil.

D. Emilia Martins de Moura, Valbon, Gondomar.

Manuel da C. Lima, V. Sêca de Armamar.

D. Mariana e D. Cândida Trigo, Mucedo de Cavaleiros.

Manuel Martins Odre, Monte do Meio, Cardigo.

D. Carolina de Jesus Silva, Tôres Novos.

D. Maria da Encarnação E. Borba, Angra do Heroísmo.

D. Arminda Eulália Amaral, S.ª Cruz, Flores.

D. Maria da Glória da Silva, Celdas de Vizela.

D. Maria de Nazaré Roque, Ibhavo, Manuel da Costa Gomes, Marmeleiro do Bota.

D. Maria José Monteiro, Santa Cruz do Douro.

D. Eulália Maria da Silva, Chaves.

D. Luisa Matos Antunes, Porto.

José Mendes da Costa, Soure, Santo Isidoro.

D. Filomena Joaquim Scrdio, Régua.

D. Maria de Jesus, Ribeirão Preto, Brasil.

D. Cândida dos Santos Trindade, Pedroso, Gaia.

D. Júlia Barbosa, Alçada, Estrela de Alva.

D. Maria E. da Conceição Amaral Silva, Fomalhão.

D. Marília de Melo Zamith Viana, Angola.

D. Maria da Silva, Vila do Conde.

Jose Antonio Araújo, Junqueira, V. do Conde.

D. Maria do Carmo Sousa, Setúbal.

D. Casimira da Assunção Pimenta, Bonfim, Porto.

D. Vitória de Jesus, Pontével.

D. Ester Teixeira, S.ª Marta de Poaguião.

Francisco Pereira Rebelo, Figueira, Lamego.

D. Maria da Conceição Abreu, Funchal.

D. Emilia de Amorim Rodrigues, Ponte do Lima.

D. Rosa Soares da Rocha, Oliveira de Azeméis.

D. Cactana Rosa da Silva F. Alves, Galegos.

Manuel Moreira, Fomalhão.

P.º Julio Pereira Martins, Cinco Ribeiras.

Manuel Francisco Gomes, Cedros, Faial.

D. Rosália de S. José Pires Magalhães, Praia (Açores).

D. Maria do Carmo Silva Bettencourt, Ponta Delgada.

José Domingues Prêsa, Pedra, Moção.

D. Conceição Traquica, Coimbra.

D. Maria A. F. Cardoso, Fajã Grande das Flores.

D. Maria de Barros, Porto.

Domingos Rodrigues Ferreira, S. Pedro de Rates.

D. Miquelina Fonseca, Fomalhão.

D. Romana de Jesus Silva, Azambujêira dos Carros.

D. Maria Luisa Raposo de Carvalho, Ponta Delgada.

D. Palmira da Graça Santos, Campelinho.

D. Maria Bivar Xavier, Portel.

D. Corina Malheiro, Lousada.

D. Dida Pereira, Sinfaes.

D. Maria Joana Raposo, Ponta Delgada.

D. Ana Goularth Ferreira, Terra do Eão, Pico.

D. Augusta Dias de Barros, Braga.

D. Maria Ferreira, Paúl, Pico.

D. Palmira Fisher, Figueira da Foz.

D. Maria da Estrela Mota, Agua de Alto.

D. Maria Eugénia de Moraes Traquico, Mucedo de Cavaleiros.

D. Ana Dias Saraya, Estarreja.

D. Jovina da Silva, Luanda.

Germano dos Santos, Porto, Cedofeita.

D. Maria Delgado.

D. Maria de B. Raposo, Alvalada.

D. Maria do Carmo Lavacera, Avôes.

Serafim da Silva Marques, Outeiro do Campo.

D. Leila G. Lima, Recife, Brasil.

João José Pereira da Silva Duarte, Lisboa.

D. Rosa Rodrigues Martins.

D. Maria dos Anjos O. Bettencourt, Norte Grande.

D. Alcina Chagas da Silva, Porto de Mos.

D. Júlia Ramos, Fortaleza, Ceará.

D. Ana Vitória Sôzinho, Terceira.

D. Adalina Chave, Moncorvo.

D. Idalina V. Castelo Branco, Douro.

D. Adozinda Xavier, Lordelo.

D. Augusta Ferreira, Coimbra.

Manuel Afonso Coelho, Viana (Minho).

D. Isaura Bettencourt Cordeiro, Pico.

## Berços vazios

(Continuação da 1.ª página)

permitem todos os caprichos tornando-se por isso mesmo egoista, exigente, ingrato e vaidoso e muitas vezes a vergonha e desonra dos pais.

Outras vezes o Senhor levallhes o filho único ainda criança para quem o ar do céu vale bem mais que um lar empastado de egoismo.

As crianças são uma bênção do Senhor, traço de união entre os corações dos esposos, guarda inconsciente da sua honra, a alegria da sua vida, sol benedito e reconfortante da sua velhice.

Mãe Santíssima, abençoa os lares cristãos e virtuosamente fecundos.

MOSS

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Serie)

XL

# CAUTELA COM OS BICHOS

São muito simpáticos e prestam-nos grandes serviços os animais domésticos. Mas é forçoso confessar que, às vezes, nos pregam a sua partida, transmitindo-nos as suas moléstias, como se nós fôsemos da sua igualho.

Sobre o assunto, publicou um longo estudo o ilustre Professor Fraga de Azevedo em números sucessivos do «Jornal do Médico». Vou tentar resumir o trabalho excelente do Director do Instituto de Medicina Tropical. É claro que tenho de ser extremamente sucinto e limitar-me ao essencial, mencionando apenas as doenças mais conhecidas e a sua origem e prevenção.

A raiva é principalmente transmitida pelo cão mas o agente pode ser também o gato e outros animais. Quando alguém é mordido por um animal suspeito de ser raivoso, deve imediatamente sujeitar-se ao tratamento anti-rábico, que é quasi sempre eficaz, quando praticado logo depois da mordedura. Todos os cães devem ser submetidos à vacinação preventiva, que é de excelentes resultados.

Em algumas regiões de Portugal (Trás-os-Montes, Beira, Alentejo) é muito frequente o carbúnculo, ou pústula maligna, doença das cabras, das ovelhas e dos bois, a qual pode ser transmitida ao homem por meio de um perigoso micróbio, que, muitas vezes, é levado pelas moscas.

Para evitar a terrível moléstia, devem queimar-se os animais que morreram com ela, isolar-se os que escaparam, e proceder-se à vacinação dos rebanhos, nas regiões onde grassa o carbúnculo.

Outra doença que as cabras e vacas podem transmitir pelo leite e seus produtos é a febre de Malta, ou febre endulante, doença de duração muito longa, que tem sido observada em diversas regiões portuguesas. O leite deve ali ser fervido cuidadosamente e isolados os animais suspeitos de inquinação.

O porco é muitas vezes atacado pelo mal rubro, doença muito perigosa e extraordinariamente contagiosa, que pode pegar-se ao homem.

Apesar de não ser esta doença tão grave ao homem como no porco, é necessário procurar evitá-la com o maior cuidado, vacinando todos os porcos, contra o anão e isolá-los completamente, no caso de adoecerem.

Além de muitas outras doenças que não menciono, por serem mais raras, citarei o quisto hidático de fígado, que provém de um bichinho transmitido pelo cão.

O porco provém ainda uma doença gravíssima, a triquinose, que, felizmente, poucas vezes tem sido observada em Portugal.

Vulgaríssima é, pelo contrário, a bieta miliar, que nos é transmitida pela carne do porco ou do boi, mal cozida.

Também o cão pode transmitir-nos uma pequena ténia, que, aliás, é muito rara entre nós.

A febre é, felizmente, rara a transmissão para o homem da febre aftosa que é perigosíssima no boi, no porco, na ovelha e na cabra. Cautela com o leite dos animais suspeitos!

Também é raro no homem o morão, que faz tantas vítimas no gado cavalo.

Vive no intestino do cavalo o agente do tétano, gravíssima doença que pode transmitir-se pela terra cobrada com fezes daquele animal.

A tuberculose é uma das doenças que faz mais vítimas em Portugal.

Pois, além de contágio, directo ou indirecto, pelo homem, também o micróbio da tuberculose pode provir de vacas tuberculosas, e ser transmitido às crianças pelo leite, manteiga ou queijo provenientes dessas vacas. As vacas do roço verde são mais predispostas a ser doentes, e é preciso, todos os anos,

praticar nelas a reacção da tuberculina, sacrificando implacavelmente as que manifestem reacção positiva.

Muitas outras são as doenças que podem ser transmitidas por animais; mas, para abreviar e porque muitas delas são desconhecidas ou raras, não as mencionarei.

Para terminar, citarei apenas a psitacose, grave doença peculiar ao papagaio, que a pode transmitir ao homem, e a doença do sono, que tantos estragos faz nas nossas Colónias e que passa de uma pessoa ou animal doente para o homem são por meio de uma espécie de mosca africana.

Mecanismo semelhante de transmissão é o das zexões ou maleitas, que são transmitidas dos doentes para os sãos por uma espécie de mosquito. Igual coisa faz outra espécie do mesmo insecto para a febre amarela, e as pulgas para a peste. Mas, para a transmissão destas últimas doenças, parece que os animais domésticos não terão qualquer papel, a não ser o rato para a peste, se quisermos contar no número dos animais domésticos o nefasto roedor.

Em suma: Os animais domésticos devem viver longe de nós, instalados em boas condições higiénicas. Adoecendo um animal, deve logo ser tratado por médico veterinário, e convenientemente isolado.

Os cadáveres de animais mortos de doença devem ser queimados, ou enterrados a grande profundidade.

Devem os animais ser submetidos à vacinação preventiva das doenças para que já existe vacina eficaz.

Os animais destinados à alimentação do homem devem ser abatidos em matadouros higiénicos, onde haja fiscalização severa, por médicos ou médicos veterinários, que também deverão proceder à fiscalização de todos os produtos de origem animal destinados à nossa alimentação.

O leite, principalmente, carece de ser esterilizado antes de entregue ao consumo público. Sobretudo nas grandes cidades, o leite é, habitualmente, péssimo e causador de grande mortalidade nas crianças. A cautela, o leite deve ser bem fervido em casa e a carne bem cozida.

Éis um resumo do belo trabalho do Dr. Fraga de Azevedo, que, antes de publicado no «Jornal do Médico», foi o tema de uma conferência pronunciada no Pôrto, na Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Tão importante é o assunto, que me julguei no dever de contribuir para a sua divulgação, por intermédio da «Voz da Fátima».

J. A. Pires de Lima

## Voz da Fátima DESPESAS

Transporte ... ..	2.906.053440
Papel, comp. imp. do n.º 245 ... ..	23.801110
Franq. Emb. transporte do n.º 245 ... ..	6.879006
Na Administração ... ..	354400
<b>Total ... ..</b>	<b>2.936.588446</b>

### Donativos desde 15\$00

- Josefina do Vale, Prado, Tomar, 20\$00; D. Elisa Vidal Paulino, Azambuja, 20\$00; José Morgado, Rochaforte, 15\$00; D. Maria Luísa Silva, Samil de S. Roque, 60\$00; Dr. António da Silva Coelho, Sernache do Bon Jardim, 20\$00; Alexandrino R. Veiga, P. do Vouga, 15\$00; D. Maria Júlia Alves Pedrosa, Paranhos, 20\$00; D. Maria Pereira Caldas, Alverca, 20\$00; D. Julia Clemente, Ferragudo, 20\$00; João Goulart Garcia, Madalena, 20\$00; D. Clara Maria, Miranda do Corvo, 42\$00; Joaquim Maria Nobrega, Quilões, 15\$00; D. Maria da Piedade Macedo, Byron, 10\$00; José Fernandes de Almeida, Vimeiro, 15\$00; José Pais dos Santos, Tondela, 50\$00; D. Maria Osório Madureira, T. Vedras, 40\$00; D. Maria de Jesus Sequeira Lacerda, Pôrto, 20\$00; D. Lucinda Ramos Teixeira, Tabuaço, 20\$00; D. Ester Borges Cabral, Nelas, 20\$00; Miguel Buzá Coelho, Pôrto, 20\$00; D. Amélia Jorge Godinho, ibidem, 50\$00; Augusto Costa Macedo, Lisboa, 20\$; Joaquim Paulo Nunes, Fundão, 40\$.

## Palavras mansas

# Memento

A fraqueza humana, tão conhecida e lamentada pela Igreja, tem na memória um expoente impressionante.

Esta pobre faculdade animica é atingida pela doença, entorpecida pela idade e até, não raro, amortecida por desejos e paixões que se voltam para o dia de amanhã, com a curiosidade inquieta e absorvente, quasi doentia, de quem procura ver coisas velhas e revelhas com a aparência de novas. Mitos que voltam inteiramente subordinados aos figurinos da moda...

Não se pode confiar muito na memória, apesar de Eça de Queirós lhe chamar a décima musa. Para todos, mas sobretudo para os oradores que improvisam. Tem altos e baixos, triunfos fáceis e deficiências lastimáveis, sabe tudo e, volvidos anos, não se recorda de nada. — Esta minha cabeça, esta minha pobre cabeça!

É preciso entretê-la e excitá-la, como é preciso também ter a certeza antecipada de que nos foge quando mais carecemos dela. É, como a beleza, um bem frágil...

António Cândido, no prefácio dos Discursos e Conferências, confessa que tem a memória fácil, pronta a fiar, mas, quasi no fim da vida, é obrigado também a confessar que lhe custou imenso dizer à homenagem nacional, que lhe foi prestada em Lisboa, o seu agradecimento. Agradecimento de cor, sem papéis, verdadeiramente oratório.

Fixamos facilmente o que nos louva e exalta e lisonjeia, mas já não sucede e mesmo quando se trata do que nos adverte e aconselha e reprende. Tem-se notado que o orgulho deforma a memória quasi até o ponto de fazer dela tábua rasa que se não presta à fixação de palavras, que o magoem.

Também sucede que a memória é não raro injustamente agravada. Chama-se às vezes falta de memória à falta de senso, reflexão e prudência e, por outro lado, sabe-se que há o esquecimento-desculpa, o esquecimento-comodidade e o esquecimento-ingratidão... — Foi esque-

cimento, diz-se, quando foi tudo, menos isso.

As vezes até é bom não ter memória, como os pequeninos que sorriem para os olhos enternecidos das mães, como se pela primeira vez o fizessem... Já o Dante dizia que não há dor maior do que recordar a grandeza que se teve na miséria em que se ficou, porque então, digam o que disserem, recordar não é viver, é morrer. Depois do sol pôsto, aquêle duro pão de cinza e lágrimas de que nos fala a Escritura.

Vária, incerta, caprichosa, dissimulada, falível e precária a nossa pobre memória!

A multidão, o povo, neste particular, não leva vantagem nenhuma aos homens individualmente considerados. A memória colectiva ganha em extensão o que perde em fixidez. É um somatório mais que muito deplorável. A multidão deixa-se namorar e seduzir pelas promessas que lhe faz o dia de amanhã, que há-de vir com o sol nascente; do passado não quer saber, talvez porque este se lhe figura, erradamente, irmão da morte. Sempre à mercê de instintos, paixões e apetites que a impellem neste ou naquele sentido, para ela a memória é como a espuma nas ondas...

Despedaça hoje os ídolos que ontem adorou. Lembra-se ainda do Inimigo do povo, o drama de Ibsen?... De um dia para o outro, o homem bom, o benemérito, desceu à categoria de malfetor, de criminoso. Pela mão dos amigos e adversários da véspera feitos agora povo, multidão...

Como a falta de memória colectiva tem contribuído imenso para que a história se repita, já o Senhor, na Escritura, estava sempre a lembrar a Israel as suas bênçãos fecundas e os seus castigos formidáveis.

Que horror, mais que dantesco, a última guerra civil aqui tão perto de nós, em Espanha! O comando russo e o comando maçónico. Pilhagens, incêndios, estupros, fusilamentos, massacres, violações de sepulturas e violações de sacrários. Milhares e milhares de vítimas de todas as condições e de quasi todas as famílias.

## Crónica financeira

Os frutos da passada colheita amadureceram um mês mais cedo e parece que este avanço se mantém, porque as mimosas em alguns sítios estão quasi a florir, os gomos das árvores e arbustos estão já entumescidos, o que faz prever um certo avanço na vida vegetativa do ano que vem. Este facto, a dar-se, pode ser de graves consequências, sobretudo para a produção vinícola do ano próximo.

Na verdade, quanto mais cedo gozarem as vinhas, mais sujeitas ficam à queima pela geada, por um lado; e aos prejuízos causados pelas chuvas no tempo da floração, por outro. Estes dois perigos combinados põem em maior risco a colheita futura, o que se traduz desde já na valorização da colheita presente.

Por outro lado, sobretudo na região dos vinhos verdes, a colheita passada é muito desigual. Alguns vinhos toldaram logo depois de feitos, e uma boa parte dos que ainda não toldaram, estão a caminho disso. Vinho suspeito deve, portanto, ser vendido já ou queimado, que a aguardante está sendo bem paga, mas ainda o há de ser mais, pois que a América do Norte está fazendo encomendas dela em quantidades fantásticas.

Quanto ao vinho seguro, de absoluta confiança, ninguém tenha pressa de o vender. Mas só o de toda a

confiança, entenda-se; o suspeito, esse não, esse é vendê-lo já ou queimá-lo, antes que tolde ou azede. Quanto ao outro, nada de pressas, diziamos, não só porque a colheita futura corre este ano maiores riscos, e a passada está em parte a estragar-se, mas ainda porque em ano de pouco pão o consumo do vinho é maior, segundo a experiência tem demonstrado. Como já temos dito diversas vezes nestas colunas, o vinho até certo ponto substitui o pão, e por isso, quando o pão falha, o vinho tem mais procura. Tudo faz crer, portanto, que os bons vinhos da colheita passada venham a ser bem pagos este ano, logo que desapareça a concorrência que lhes estão a fazer os vinhos suspeitos que os donos procuram vender antes que se estraguem.

Para decidir se um vinho merece ou não confiança, não há nada melhor do que mandá-lo analisar num laboratório. Infelizmente nem sempre é fácil a um lavrador mandar analisar os seus vinhos em laboratório capaz, tanto mais que é preciso analisar uma amostra de cada vasilha. Mas quem o puder fazer, aproveite, porque não há nada mais seguro para este efeito do que uma análise laboratorial bem feita.

Pacheco de Amorim

Mons. Plá e Daniel, Arcebispo de Toledo, disse, numa pastoral recente, que só nesta diocese foram assassina-

dos trezentos padres seculares e cem religiosos.

Isto foi há cinco ou seis anos. Pois bem; o Governo espanhol resolveu fazer uma publicação especial com a ementa fiel de todos os crimes dos republicanos-marxistas, para ser espalhada por todo o país, profusamente.

Então tudo o que se passou?!... Passou e até parece que esqueceu!

Correia Pinto

## Beato Nuno de Santa Maria SANTO CONDESTÁVEL

### Boletim do Conselho da «Ala»

Escrevem-se estas linhas aos 14 de Agosto do ano das Budas de Prata do Beato Nuno. É o dia de Aljubarrota, o grande dia que de-vera ser de gala para todos os portugueses do Império.

Propositadamente se escolheu para dar aos presados leitores duas agradáveis e consoladoras notícias que mostram bem, cremos, não ser inútil a patriótica propaganda que se impoz a «Ala»:

— A Câmara Municipal de Bragança, numa das suas últimas sessões, deliberou por proposta dum dos seus vereadores, sócio do núcleo da «Ala», proposta unanimemente aprovada, sugerir à municipalidade de Lisboa a construção dum monumento a Nun'Alvares, libertador da Pátria. A proposta, larga e brilhantemente fundamentada, lembra para mais fácil realização da ideia, que se abra uma subscrição nacional, concorrendo para ela todos os municípios do país.

O Conselho da «Ala» recebeu a cópia desse documento sendo-lhe solicitado pela direcção do núcleo brigantino o seu patrocínio junto da edilidade da capital.

A outra notícia é a da prometida fundação dum núcleo paroquial da «Ala» na longínqua provincia de Angola, em Sá da Bandeira. Tomou espontaneamente esta iniciativa a sr.ª D. Constança Barreto, ali residente, leitora da «Voz da Fátima» cujos artigos condestabrianos despertaram a sua atenção e interesse. A figura excoisa de Dom Nuno, herói e santo, conquistou-a sem demora o, compreendendo o seu dever de boa cristã e boa portuguesa, logo chamou a si a nobre tarefa de dar a conhecer no seu meio as virtudes e serviços inapreciáveis do Messias de Portugal, concorrendo para que o seu culto seja difundido na distante provincia em que vive. Honra-lhe seja o que frutifique o seu magnifico exemplo.

Deve encerrar-se em breve o ano jubilar do Beato Nuno. Que as solenidades finais das comemorações das Bodas de Prata se revistam do maior brilho, e que, nos templos e nas associações católicas e patrióticas não deixe de exaltar-se com piedade e fervor a grande e querida figura de Nun'Alvares, o Santo Condestável, herói da Pátria e filho dilecto da Igreja.

Z. de M.

## Almanaque de Nossa Senhora da Fátima para 1944

Preço de cada exemplar: 1\$00; pelo correio 1\$30.

Pedidos acompanhados da respectiva importância à Administração da «Stella» — Cova da Iria — Fátima.

## Calendário de Nossa Senhora da Fátima para 1944

Preço de cada exemplar: 1\$00, pelo correio, 1\$30.

Pedidos acompanhados da respectiva importância à Administração da «Stella» — Cova da Iria — Fátima.